PIZZA CARIBENHA

COLÔMBIA Os principais países latino-americanos isolam Uribe, apagam o incêndio por ele ateado e deixam de lado os EUA

POR ANTONIO LUIZ M. C. COSTA

Os gestos bélicos de Hugo Chávez e as tentativas de Álvaro Uribe de acusar a ele e a Rafael Corrêa de cumplicidade com o terror, envolvendo a União Européia, os EUA e a ONU, esvaziaram-se com impressionante rapidez. Ao menos nesta rodada, quem ganhou foi a turma do deixa-disso.

Depois de se chamarem de mentirosos e genocidas, romperem relações diplomáticas e mobilizarem tropas, os três presidentes voltaram a trocar afagos, sorrisos e embaixadores em uma questão de exatamente sete horas de reunião do Grupo do Rio, em Santo Domingo. O chanceler brasileiro, Celso Amorim, embora trabalhasse por esse resultado, ficou surpreso.

Quando o presidente dominicano, Leonel Fernández, pediu a Uribe e a Rafael Corrêa que se cumprimentassem, levou um susto: "Ih! Pensei. Isso vai dar uma confusão danada". Não deu: o aperto de mão correu com tranqüilidade e foi seguido por um abraço em Chávez e outro aperto no nicaragüense Daniel Ortega, que também havia tomado as dores dos colegas bolivarianos. O colombiano pediu desculpas e retirou a acusação de "apoio a genocidas" que a Colômbia levantara contra a Venezuela em Haia. A ameaçada reunião da Comunidade Sul-Americana (Unasul) foi confirmada para os dias 27 e 28.

Ponto para os vizinhos que *se* esforçaram para resolver a crise pacificamente no âmbito sul-americano, a começar por Brasil e Chile, aos quais se juntaram Argentina e México. Óbvio, salvo na peculiar opinião do sociólogo argentino Juan Gabriel Tokatlian, entrevistado pela Foíha *de S.Paulo* de 10 de março, para quem "o mais afetado é o Brasil" c "desmoronou como um castelo de cartas a noção de que a América Latina ia a caminho da união sul-americana".

Só pode ser expressão de opinião preconcebida contra a unidade latino-americana ou os governos que as defendem. Se alguém pensou que a simples proposta de união aboliria, da noite para o dia, as divergências radicais entre Uribe e Chávez, era um insensato. Para os demais, o fato novo é a surpreendente facilidade com a qual urna crise séria foi administrada sem intromissão de potências do Norte.

Corrêa e Chávez perderam? Corrêa pode ter perdido a oportunidade de intermediar a libertação de reféns, mas ganhou um respaldo do resto da América Latina que o fortalece em casa. Quanto a Chávez, tanto ganhou quanto perdeu. A impressão que quer alimentar, de ser o maior líder da América Latina, foi enfraquecida pela atuação do Grupo do Rio, o que o obrigou a suspender a propaganda bélica e recolher as armas. Mas viu confirmada a união do subgrupo que lidera e reforçou laços com o Equador e a Nicarágua.

Igualmente parcial foi a opinião do sociólogo de que os EUA devem estar felizes, pois "conseguiram que seu maior aliado tivesse uma vitória político-militar transcendente e que sua lógica da 'guerra contra o terror' começasse a tomar corpo na região". Todos sabiam que Bogotá se alinhava incondicionalmente com Washington. A surpresa foi todos os demais países latino-americanos, sem exceção, rejeitarem essa lógica e condenarem a violação do território do Equador.

Bush júnior certamente perdeu. Seu apoio a Uribe caiu no vazio e os EUA não

FOTOS ANDRES LEIGHTON/AP

ÁGUA NA FERVURA. Correa denunciou a invasão e a mentira de Uribe...

...que acusou a ele e Chávez de apoiarem o terrorismo e o genocídio...

tiveram como interferir no encaminhamento da crise. A OEA, da qual participam, teve um papel secundário. A crise se resolveu na cúpula de Santo Domingo, que trouxe também como novidade a proposta do presidente mexicano, Felipe Calderón, no papel de novo presidente do Grupo do Rio, de converter essa associação em uma Organização de Estados Latino-americanos. Trata-se de unir forças com a Argentina para diluir o peso do Brasil, ampliando a aliança que Brasília pretendia apenas sul-americana, mas também é sinal de que a OEA e o patrocínio dos EUA já são dispensáveis.

Não agradou a Calderón, embora seu governo seja o mais próximo de Washington e Bogotá, ouvir o vice colombiano, Francisco Santos, alegar a existência de quatro escritórios das Farc no México e cobrar a investigação e repressão dos círculos bolivarianos, "focos vermelhos" naquele país. De quatro a 14 estudantes mexicanos, na maioria da faculdade de Filosofia e Letras da Unam, foram mortos no acampamento de Raul Reyes e houve uma sobrevivente. Haviam chegado ao Equador uma semana antes para participar de um encontro de grupos de esquerda e planejavam entrevistas e estudo da guerrilha. A Unam reafirmou seu pluralismo e exigiu de Calderón uma investigação das circunstâncias da morte de seus alunos.

Na França, não caiu bem a exigência de Uribe de que "calassem" o ex-marido e outros parentes de Ingrid Betancourt quando esses chamaram de "asquerosa" a ação colombiana para sabotar as negociações, acusados pelo governo colombiano de "partidários das Farc", como se acostumou a fazer com todos os opositores internos.

Se a vitória foi "transcendente", é discutível. Eliminou-se um negociador e as chances de libertação de mais reféns a curto prazo, mas a capacidade militar das Farc não foi afetada. Tokatlian pode ter mais razão ao dizer que Uribe consolidou seu predomínio interno com vistas a repetir a façanha do colega venezuelano e conseguir um terceiro mandato. Suas bases conservadoras vibraram e tiveram a oportunidade de insultar Chávez e Corrêa, ao passo que mais uma negociação bem-sucedida sobre reféns poderia enfraquecer seu discurso e fortalecer os governos dos países vizinhos, bem como a oposição que pede uma solução política para a guerra civil.

> O fato novo é a facilidade com que uma crise séria resolveu-se no âmbito da América Latina

Mas o colombiano pagou caro em termos de relações internacionais e parece improvável que tente repetir a dose. Os ganhos foram menores que os pretendidos e não é certo que tenham compensado o imprevisto e vexaminoso carão dos vizinhos.

O prestígio de Uribe na classe média urbana já era alto e dificilmente aumentará ainda mais. De 17 a 19 de janeiro, a Invamer Gallup, por meio de entrevistas por telefone nas quatro maiores cidades colombianas, obteve um índice de aprovação de 80% para o presidente, enquanto apenas 22% tinham uma imagem favorável da senadora Piedad Córdoba, que tem cooperado com Chávez para mediar a libertação de reféns e só 10% eram favoráveis ao próprio presidente venezuelano.

Mas tais métodos de pesquisa podem deixar de lado uma parte considerável das massas colombianas. Em 6 de março, 200 mil pessoas participaram de uma marcha em Bogotá convocada pelo Movimento de Vítimas de Crimes de Estado, acompanhada de manifestações menores em outras 20 cidades colombianas - apesar do assassinato, ao longo da semana, de cinco sindicalistas que ajudaram a organizar o protesto.

...mas, graças à mediação do Grupo do Rio, o conflito acabou em desculpas e apertos de mão

No dia seguinte, o anúncio da morte, em 4 de março, de Ivan Rios, outro membro do secretariado das Farc, alimentou o triunfalismo de Uribe, mas também lhe trouxe problemas. Pedro Pablo Montoya, assassino de Rios e sua namorada, dos quais disse ter sido guarda-costas, reivindicou 2,6 milhões de dólares prometidos pelo governo e deixou-lhe o dilema de premiar abertamente um duplo homicídio ou perder a colaboração de outros traidores ou infiltrados. A notícia de que teria sido ferido um terceiro líder das Farc - Joaquín Gómez, substituto de Raul Reyes - foi desmentida, quando as fotos do colombiano detido e internado em um hospital venezuelano foram mostradas.

Mas a derrota total das Farc de fato interessa a Uribe ou aos EUA? Rafael Corrêa não renovará a concessão da base estadunidense em Manta, Equador, que vence em 2009 e, com o fim da guerrilha na Colômbia, o Cornando Sul do Pentágono perderia o pretexto para manter posições na América do Sul, perto da Venezuela, de onde os EUA recebem um terço do seu petróleo.

Sem. a guerra com o "terrorismo", também Uribe corre o risco de ver a mídia discutir seus vínculos com o narcotráfico e com os paramilitares, para os quais a guerrilha continua sendo um pretexto indispensável para expulsar camponeses, assassinar líderes populares e ditar a lei nas periferias. ■

Fonte: Carta Capital, a. 14, n. 487, p. 40-41, 19 mar. 2008.